



## Entre caracterizações, informações e crítica: a representação da leitura em *O primo Basílio*

Monica Chagas da Costa\*

**Resumo:** Este artigo aborda a representação da leitura em *O Primo Basílio*, de Eça de Queirós. Leva em consideração a leitura como um todo de significado que, inserida dentro de uma obra literária, indica tanto o modo como o autor espera que sua obra seja idealmente lida, como também apresenta informações relevantes sobre os personagens e suas ações na narrativa. A análise privilegia um tipo de leitura bastante recorrente na obra: a leitura de jornal.

**Palavras-chave:** Leitura; *O Primo Basílio*; Eça de Queirós

**Abstract:** This article addresses the issue of reading representation in *O Primo Basílio*, by Eça de Queirós. It takes into consideration reading as a meaningful whole that, inserted in a literary work, indicates the way the author expects his works to be ideally read, as much as it presents relevant information about the characters and their actions in the narrative. The analysis privileges a kind of reading very recurrent in the novel: newspaper reading.

**Keywords:** Reading; *O Primo Basílio*; Eça de Queirós

### 1 A leitura em *O primo Basílio*

A leitura é um tema bastante presente na obra do escritor Eça de Queirós, tanto em seus textos críticos e jornalísticos, quanto em seus textos ficcionais. Ela habita a sua prosa de modo que seja essencial, para o entendimento do caráter de seus personagens e da sequência de ações, que se analisem quem lê, além de o quê, como e onde se lê no decorrer das suas narrativas.

Em *O primo Basílio*, a leitura é extremamente definidora: a partir das indicações do texto, podemos traçar o caráter dos personagens e mesmo prever seus destinos, além de poder perceber indicações do autor sobre o valor positivo ou negativo de certos textos.

É preciso, no entanto, apontar que não existe “uma” leitura, ou um tipo de leitura, privilegiado no romance. Eça de Queirós mobiliza vários tipos diferentes, que se combinam e definem os modos ideais de ler característicos da sociedade da qual fala e sobre a qual pensa o autor.

Antes de prosseguir com a análise destas leituras, é importante prestar um pouco mais de atenção neste termo. É necessário que se delimite sua acepção, já que não é qualquer leitura que cabe à nossa análise, mas a leitura de textos escritos, excluindo assim a música ou

\* Graduanda em Letras (UFRGS). Bolsista de Iniciação Científica PIBIC - CNPq/UFRGS no projeto de pesquisa "Cenas de Leitura: Performance e Representação".

as imagens. Ainda: apesar de não ser um termo geral, ele precisa englobar uma totalidade: a leitura é um todo que produz significado. Portanto, não são apenas os efeitos que a leitura gera ou as interpretações a que se dispõe que devem ser levados em conta, mas toda a representação do ato da leitura, que inclui as descrições de posição de corpo, de duração temporal e de localização no momento em que se lê. Todos estes elementos são significativos e têm um papel tanto interno à obra (causando ações, definindo o caráter dos personagens), quanto externo (traçando um perfil do leitor ideal que espera o autor do texto). Em outras palavras, leitura constitui um conjunto de ações, mentais e físicas, que permitem que alguém (o leitor) decodifique, interprete e se relacione com qualquer tipo de texto escrito, em sua materialidade (CHARTIER, 1998; CHARTIER, 1999).

As representações da leitura não se descolam da sociedade na qual foram produzidas, por mais que o meio por onde circulam (a literatura) possa ser lido e interpretado em qualquer tempo e por qualquer sociedade com acesso aos instrumentos de sua decodificação. O autor de um texto literário (neste caso, Eça de Queirós) indica, em suas descrições sobre o ato de leitura, ou através dos intertextos que mobiliza, o modo como seu texto deve ser lido, ou quais seriam seus leitores ideais, apresentando nesta relação metaliterária “um jogo de espelhos conducentes à reflexão sobre o livro, sobre o leitor e, através destes, sobre as próprias relações da literatura com a vida.” (CUNHA, 2007. p. 39)

É com esse olhar que analisamos os vários tipos de leituras que apresenta Eça de Queirós em *O primo Basílio*. Quanto a suas classificações, elas poderiam ser também muito variadas: relativas ao local onde acontece a leitura, à duração, aos personagens leitores. Preferimos organizá-las, primeiramente, quanto a serem representações do ato de leitura, segundo um critério de objeto: leituras de livros, de cartas, de jornal, de peça de teatro e de poemas. Além dessas, propomos uma categoria que engloba as citações relacionadas à leitura e à literatura, mas que não são propriamente cenas em que se representa o ato de ler.

Destas categorias, algumas são mais relevantes, pois apresentam cenas que são peças-chave no romance. Neste sentido, a leitura de cartas faz-se muito importante, já que é por causa delas que Luísa acaba à mercê de Juliana. A título de exemplo, temos o trecho em que Luísa, já envolvida com Basílio, recebe uma carta de Jorge e sente remorso por sua traição:

Àquela hora Luísa recebia uma carta de Jorge. Era de Portel, com muitas queixas sobre o calor, sobre as más estalagens, histórias sobre o extraordinário parente de Sebastião – saudades e mil beijos...

Não a esperava, e aquela folha de papel cheia de uma letra miudinha, que lhe fazia reaparecer vivamente Jorge, a sua figura, o seu olhar, a sua ternura, deu-lhe uma sensação quase dolorosa. Toda a vergonha dos seus desfalecimentos covardes, sob os beijos de Basílio, veio abraçar-lhe as faces. Que horror deixar-se abraçar, apertar! No sofá o que ele lhe dissera; com que olhos a

devorara!... Recordava tudo - a sua atitude, o calor das suas mãos, a tremura da sua voz... E maquinalmente, pouco e pouco, ia-se esquecendo naquelas recordações, abandonando-se-lhes, até ficar perdida na deliciosa lassidão que elas lhe davam, com o olhar lânguido, os braços frouxos. Mas a idéia de Jorge vinha então outra vez fustigá-la como uma chicotada. Erguia-se bruscamente, passeava pelo quarto toda nervosa, com uma vaga vontade de chorar...

– Ah! não! é horroroso, é horroroso! – dizia só, falando alto. – É necessário acabar! (QUEIRÓS, 2010, p. 111-112)

Chama atenção a caligrafia de Jorge: “a folha de papel cheia de uma letra miudinha”, que reflete em sua personalidade terna e cuidadosa, como coloca sua mulher. A carta causa um efeito perturbador nela, o que revela um pouco de sua personalidade volúvel, característica de quem não tem muita segurança nas decisões e se deixa levar pelas circunstâncias.

É com esta característica em mente que trazemos o exemplo de outra categoria, a leitura de livros, extremamente explorada pelos estudiosos queirosianos:

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! [...]

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na *voltaire*, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a *Dama das camélias*. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos 18 anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejava então viver num daqueles castelos escoceses que têm sobre as ogivas os brasões da *clan*, [...]; e amara Ervandalo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, [...]. Mas agora era o *moderno* que a cativava, Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier: o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada: via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro – Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético duma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava [...]

Foi com duas lágrimas a tremer-lhe nas pálpebras que acabou as páginas da *Dama das camélias*. E estendida na *voltaire*, com o livro caído no regaço, fazendo recuar a película das unhas, pôs-se a cantar baixinho, com ternura, a ária final da Traviata:

*Addio, del passato...*

Lembrou-lhe de repente a notícia do jornal, a chegada do primo Basílio... Um sorriso vagaroso dilatou-lhe os beicinhos vermelhos e cheios. – Fora o seu primeiro namoro, o primo Basílio! (QUEIRÓS, 2010, p. 17-18)

Esta cena também explicita o caráter de Luísa. É até mesmo física a maneira como ela se deixa levar: estendida na cadeira, de maneira lânguida e distraída, ela emociona-se com *A Dama das Camélias*, e sua corrente de pensamentos a leva a pensar em Basílio, certamente não por acaso. Ainda: a descrição de Eça transforma a leitura em uma ação quase erótica, em que a relação da leitora com o livro se dá também através do toque “amoroso”, sendo, portanto, quase uma imagem para a própria traição.

Somando a estes dois exemplos um texto de Eça que trata sobre a educação das meninas lisboetas e que critica a leitura de romances como os de Alexandre Dumas e Ponson du Terrail, podemos inferir a censura do autor em relação a esta geração de mulheres que, influenciadas pelos romances idealistas românticos, acabam moralmente degeneradas.

Mas Eça não caracteriza apenas Luísa através de suas leituras. Apenas citando quais livros o personagem possui ou refere, o autor nos apresenta sua personalidade. É o caso de Jorge, que lê textos científicos e despreza o Romantismo, o que é apresentado logo no início do romance, deixando claro como funciona seu caráter:

De sua mãe herdara a placidez, o gênio manso. Quando era estudante na Politécnica, às 8 horas recolhia-se, acendia o seu candeeiro de latão, abria os seus compêndios. Não freqüentava botequins, nem fazia noitadas. Só duas vezes por semana, regularmente, ia ver uma rapariguita costureira, a Eufrásia, que vivia ao Borratém, e nos dias em que o Brasileiro, o seu homem, ia jogar o *boston ao club*, recebia Jorge com grandes cautelas e palavras muito exaltadas; era enfeitada, e no seu corpinho fino e magro havia sempre o cheiro relentado de uma pontinha de febre. Jorge achava-a *romanesca*, e censurava-lho. Ele nunca fora sentimental: os seus condiscípulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe *proseirão, burguês*; Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas, era muito escarolado, admirava Luís Figuiier, Bastiat e Castilho, tinha horror a dívidas, e sentia-se feliz. (QUEIRÓS, 2010. p. 13)

Para contrastar com Jorge, há a descrição das posses literárias de Basílio – todas demonstrando uma personalidade libidinosa e fútil:

Estava alojado no segundo andar, com janelas para o rio. Bebeu um cálice de *cognac* e estirou-se no sofá. Ao pé, na jardineira, tinha o seu *buvard* com um largo monograma em prata sob a coroa de conde, caixas de charutos, os seus livros - *Mademoiselle Giraud ma femme, La vierge de Mabille, Ces Frippones!, Memoires secrètes d'une femme de chambre, Le Chien d'arrêt; Manuel du chasseur*, números do *Figaro*, a fotografia de Luísa, e a fotografia de um cavalo. (ibid. p. 241)

Através dos exemplos citados, podemos ver como o autor explora a leitura em prol de um esclarecimento sobre os personagens, até mesmo antecipando alguns acontecimentos da trama. Além disso, vemos na maneira como as descrições são feitas uma crítica social subjacente, que erotiza a leitura feminina e torna-a subversiva.

Ainda poderíamos apresentar outros exemplos, mas consideramos estes suficientemente competentes no que tange à demonstração do potencial significativo da leitura na obra de um modo geral. De maneira mais específica, na seção seguinte pretendemos analisar com mais profundidade uma só categoria de leitura presente em *O primo Basílio*.

## 2 Leituras de jornal

O objetivo deste artigo não é, de forma alguma, esgotar a análise sobre todos os tipos de leitura apresentados em *O primo Basílio*. Entretanto, acreditamos ser necessário o

aprofundamento da análise em pelo menos uma das formas de leitura apresentadas no livro, para que se possa entender melhor como funcionam estas representações dentro da narrativa. Para tanto, selecionamos a leitura de jornal.

Dois motivos nos levam a tanto: em primeiro lugar, a vasta fortuna crítica relativa a análises sobre a *leitura de livros* na obra de Eça de Queirós, tanto completa quanto especificamente em *O primo Basílio*<sup>1</sup>. Em segundo lugar, a importância social do jornal na vida portuguesa do século XIX.

É nos anos de mil e oitocentos que se consolida a profissão do jornalista, como um resultado da industrialização da imprensa. Os jornais publicados no começo do século tinham um cunho principalmente partidário. Porém, como o século XIX foi caracterizado pela instabilidade política em Portugal, a existência de tais publicações caiu várias vezes na clandestinidade. No entanto, com a criação de alguns periódicos de baixo custo visando à circulação em camadas mais populares, empresários portugueses vislumbraram a lucratividade da “imprensa popular noticiosa, neutral, de baixo preço e difusão massiva já existente em outros países” (SOUSA, 2008). Surgiram então jornais como o *Diário de Notícias* (principal leitura dos personagens de *O primo Basílio*) que, se não suplantaram as publicações de cunho político, dominaram o cenário da imprensa portuguesa e lançaram as bases do jornalismo até os dias de hoje.

Eça de Queirós, colaborador de jornais e revistas, utilizou seus conhecimentos práticos para descrever a relação das classes média e baixa com este meio de comunicação, que tem como processo mediador a leitura. Não é resultado do acaso, portanto, que o jornal mais citado no livro seja o *Diário de Notícias*, periódico lisboeta que foi o precursor da imprensa de massas, caracterizada pela forte circulação entre a burguesia. Jorge e Luísa, pertencentes a essa classe média, são leitores diários do jornal.

Os outros jornais citados são o *Times*, lido pelo Visconde Rodolfo, amigo de Basílio, e a *Nação*, lido pelo Paula. Além destes, há também uma citação do *Século*, onde trabalha o SAVEDRA, amigo do Conselheiro Acácio, que é o redator do jornal, cuja mão “escrevia tanta banalidade e tanta mentira” (QUEIRÓS, 2010. p. 303).

Esta caracterização não é inocente, já que Eça parecia preferir a leitura do *Diário de Notícias*, ou ao menos o tinha como mais neutro, pois:

Outros jornais fundados no fim do século XIX adotaram a mesma filosofia do *Diário de Notícias*, com destaque para *O Século*, fundado em 1881, por um grupo de republicanos. [...] Dando grande espaço à informação, embora sem abandonar totalmente as suas preocupações

---

<sup>1</sup> “O Livro e a Leitura em Eça de Queirós” (CUNHA, 2007); “A Inscrição da Leitura na Ficção Queirosiana: O Primo Basílio” (DUARTE, 1997); “Eça de Queirós e suas Leitoras Mal-Comportadas” (LAJOLO, 1997).

políticas, com um grafismo inovador e praticando receitas copiadas da imprensa estrangeira, como o lançamento de edições ilustradas e a promoção de concursos, o *Século* tornou-se o jornal mais lido do país, [...] suplantando o paradigmático *Diário de Notícias*, [...]. (SOUSA, 2008. p. 24)

As cenas de leitura de jornal que aparecem no romance podem ser divididas em quatro funções, explicitadas a seguir.

### 3 O jornal como informativo

Informar seus leitores sobre fatos que acontecem tanto na cidade como no país ou no exterior é, aparentemente, a função mais óbvia do jornal noticioso. Ela é apresentada em *O primo Basílio* em momentos importantes do romance. A primeira delas é quando Luísa lê a notícia de que Basílio havia chegado a Lisboa:

– Ah! – fez Luísa de repente, toda admirada para o jornal, sorrindo.

– Que é?

– É o primo Basílio que chega!

E leu alto, logo:

"Deve chegar por estes dias a Lisboa, vindo de Bordéus, o senhor Basílio de Brito, bem conhecido da nossa sociedade. S. Ex<sup>a</sup> que, como é sabido, tinha partido para o Brasil, onde se diz reconstituíra a sua fortuna com um honrado trabalho, anda viajando pela Europa desde o começo do ano passado. A sua volta à capital é um verdadeiro júbilo para os amigos de S. Ex<sup>a</sup> que são numerosos."

– E são! – disse Luísa, muito convencida.

– Estimo, coitado! – fez Jorge, fumando, anediando a barba com a palma da mão. – E vem com fortuna, hein?

– Parece.

Olhou os anúncios, bebeu um gole de chá, levantou-se, foi abrir uma das portadas da janela.

– Oh Jorge, que calor que lá vai fora, Santo Deus! – Batia as pálpebras sob a radiação da luz crua e branca. (QUEIRÓS, 2010. p. 14)

Em primeiro lugar, nota-se a proximidade da leitora com seu objeto lido: Luísa está sentada à mesa, e ela fala *com* o jornal, como vemos na primeira frase do trecho e na resposta que ela dá à afirmação de que o primo teria muitos amigos na capital. Depois, podemos ver que, apesar dessa relação íntima com o objeto de leitura, ela o abandona com rapidez, sem muito cuidado – o que demonstra uma relação dessacralizada como o objeto lido, que se torna, de certa forma, dispensável, descartável. Em última instância, temos a representação de uma cena familiar: a esposa que lê para seu marido as notícias mais interessantes do noticiário. Esta muito bem podia ser uma notícia qualquer: a estreia de uma peça de teatro, a morte de uma figura pública. Podemos ver aqui uma prática familiar de leitura de jornal que parece muito comum, dada a reação completamente natural de Jorge.

Após seu envolvimento com Basílio, Luísa coloca-se novamente como uma leitora à procura de informações jornalísticas:

Sáfram brancas – e então desesperou de tudo; abandonou-se a uma inação em que sentia quase uma voluptuosidade, passando dias sem se importar, quase sem se vestir, desejando morrer, devorando nos jornais todos os casos de suicídios, de falências, de desgraças – consolando-se com a idéia de que nem só ela sofria, e que a vida em redor, na cidade, fervilhava de aflições. (QUEIRÓS, 2010. p. 266)

Depois de não ganhar na loteria, e não ter dinheiro para pagar a chantagem de Juliana, ela recorre ao jornal para buscar consolo para sua situação. Fica claro neste trecho a sensação de ser uma moradora de Lisboa, já que a sua cidade, como o que parece natural às capitais, fervilha de aflições.

Ainda no desespero ante o fato de ser chantageada, Luísa acidentalmente lê a notícia da partida de Castro:

Ergueu-se ao outro dia numa grande agitação. Juliana muito fatigada, ainda estava na cama. E, enquanto Joana punha a mesa, Luísa sentada na *voltaire*. à janela da sala de jantar, lia maquinalmente o *Diário de Notícias*, quase sem compreender, quando uma notícia, no alto da página, lhe deu um sobressalto: "Parte além de amanhã para França o nosso amigo e conhecido banqueiro Castro, da firma Castro Miranda & Cia. S. Ex<sup>a</sup> retira-se dos negócios da praça, e vai estabelecer-se definitivamente em França, perto de Bordéus, onde comprou ultimamente uma valiosa propriedade."

O Castro! O homem que lhe dava dinheiro, o que ela quisesse!, dizia Leopoldina. Partia!... E apesar de ter achado, desde o primeiro momento, aquele recurso infame, vinha-lhe a seu pesar como uma desconolação de o ver desaparecer! Porque nunca mais voltaria a Portugal, o Castro!... E de repente uma idéia atravessou-a, que a fez vibrar toda, erguer-se direita, muito pálida. – Se na véspera da partida dele, Santo Deus! se na véspera ela consentisse!... Oh! era horrível! Nem pensar em tal!...

Mas pensou – e sentia-se toda fraca contra uma tentação crescente que se lhe enroscava na alma com carícias persuasivas. É que então estava salva! Dava seiscentos mil réis a Juliana! E o demônio iria morrer para longe! (ibid. p. 324-325)

A leitura de Luísa é quase uma rotina, ela lê “maquinalmente” o jornal, estirada na *voltaire*, o corpo já indicando a pouca atenção que dispõe à tarefa. O sobressalto que tem com a notícia, e a ideia que se segue são tão fortes, tão chocantes em comparação à distração em que se encontrava, que ela “vibra toda”, e precisa se levantar para raciocinar melhor.

Destes três exemplos como um todo, é interessante ressaltar que a leitora é uma mulher, que lê em sua intimidade, dentro de casa – o local tradicional da leitura que Roger Chartier chama de “extensiva”:

Ela é leitura de numerosos textos, lidos em uma relação de intimidade, silenciosa e individualmente. É, também, leitura laicizada, porque as ocasiões de ler se emancipam das celebrações eclesíásticas ou familiares e porque se espalha um contato desenvolvido como o impresso, que passa de um texto a outro e que não tem mais respeito para com os objetos impressos, amassados, abandonados e jogados. Mais superficial, esse novo estilo de leitura traduz um menor investimento no livro e, sem dúvida, uma menor eficácia do texto. (CHARTIER, 2009. p. 86)

Esta leitura se opõe a uma leitura chamada por Chartier de intensiva, anterior à imprensa, que acontecia em locais públicos, por vezes em momentos rituais. Por ser proferida em voz alta, a leitura atingia um número maior de pessoas, mas se restringia quanto à quantidade de livros; os poucos lidos tornavam-se a referência não só espiritual, mas também prática para determinada comunidade leitora.

#### 4 O jornal como passatempo

A segunda função da leitura de jornal é a que Eça mais critica em seus textos n'As Farpas, *As meninas da geração nova em Lisboa e a Educação Contemporânea*: a leitura como distração, sem nenhum refinamento intelectual. O romance abre com uma dessas representações, quando Luísa lê o *Diário de Notícias*, sentada à mesa, após o almoço:

Tinham dado onze horas no *cuco* da sala de jantar. Jorge fechou o volume de Luís Figuiier que estivera folheando devagar, estirado na velha *voltaire* de marroquim escuro, espreguiçou-se, bocejou e disse:

– Tu não te vais vestir, Luísa?

– Logo.

Ficara sentada à mesa a ler o *Diário de Notícias*, no seu roupão de manhã de fazenda preta, bordado a *soutache*, com largos botões de madrepérola; o cabelo louro um pouco desmanchado, com um tom seco do calor do travesseiro, enrolava-se, torcido no alto da cabeça pequenina, de perfil bonito; a sua pele tinha a brancura tenra e láctea das louras; com o cotovelo encostado à mesa acariciava a orelha, e, no movimento lento e suave dos seus dedos, dois anéis de rubis miudinhos davam cintilações escarlates.

Tinham acabado de almoçar. (QUEIRÓS, 2010. p. 11)

Além da leitura de Jorge, um volume de Luís Figuiier, preguiçosa – afinal, ele fecha o livro bocejando, e é o horário da digestão – há a prática de Luísa, já referida anteriormente, de ler à mesa. Podemos notar como a leitura, quando relacionada à distração, é mais mole, mais sensual: a moça *acaricia* a orelha enquanto lê. A preguiça também está presente em sua figura, que apoia o cotovelo na mesa. Lembremos que logo depois ela se sobressaltará com a notícia da chegada de Basílio e irá ler, deitada na *voltaire*, um volume enxovalhado de *A Dama das Camélias*. Todas essas cenas ocorrem nos momentos de apresentação da personagem, que deixam melhor entrever o seu caráter, ou seja, todos estes gestos e maneiras de ler são demonstradores de seu caráter. Portanto, uma vez que a vida de Luísa começa a desgraçar-se muito por causa de suas leituras, é possível que concluamos que o leitor ideal, para Eça, não se portaria de maneira tão lúdica em relação a suas leituras.

A segunda cena que apresenta essa função também evidencia o tom crítico quanto à leitura preguiçosa, já que quem lê é um visconde amigo de Basílio, de caráter moralmente



duvidoso. Além de tudo, se assoma a isso o calor, que faz a leitura parecer estafante, de modo que, acabar, o leitor deixa *escorregar* o jornal:

Na sala de leitura, o seu amigo o Visconde Reinaldo, que havia anos vivia em Londres, e muito em Paris também, lia o *Times* languidamente, enterrado numa poltrona. Tinham vindo ambos de Paris, com a promessa de voltarem juntos por Madri. Mas o calor desolava Reinaldo; achava a temperatura de Lisboa *reles*; trazia lunetas defumadas; e andava saturado de perfumes, por causa "do cheiro ignóbil de Portugal". Apenas viu Basílio deixou escorregar o *Times* no tapete, e com os braços moles, a voz desfalecida:

– E então essa questão da prima, vai ou não vai? Isto está horrível, menino! Eu morro! Preciso o norte! Preciso a Escócia! Vamos embora! Acaba com essa prima. Viola-a. Se ela te resiste, mata-a! (QUEIRÓS, 2010. p. 139)

Fato igualmente relevante é que o visconde, que não suporta Portugal, lê o *Times*, um jornal inglês, e não um jornal da terra.

Outro exemplo dessa leitura lânguida é o momento em que Juliana é flagrada por Jorge deitada na *chaise-longue* no quarto do casal, lendo o jornal. Logo que se apercebe da presença do patrão, ela se assusta e se desculpa. Podemos perceber que Jorge não apenas fica indignado por ela não estar trabalhando, mas também porque uma *criada* está a ler o *seu* jornal:

Nessa semana, uma manhã, Jorge, que se não recordava que era dia de gala, encontrou a secretaria fechada, e voltou para casa ao meio-dia. Joana à porta conversava com a velha que comprava os ossos a cancela em cima estava aberta; e Jorge, chegando despercebido ao quarto, surpreendeu Juliana comodamente deitada na *chaise-longue*, lendo tranqüilamente o jornal.

Ergueu -se, muito vermelha, mal o viu, balbuciou:

– Peço desculpa, tinha-me dado uma palpitação tão forte...

– Que se pôs a ler o jornal, hein?... – disse Jorge, apertando instintivamente o castão da bengala. – Onde está a senhora?

– Deve estar para a sala de jantar – disse Juliana, que se pôs logo a varrer, muito apressada. (ibid. p. 335)

## 5 O jornal como “máscara”

Uma função interessante de uma (pretensa) leitura de jornal é quando ela serve de “máscara” para esconder a intenção ou os sentimentos do leitor. É como se o personagem se escondesse atrás da leitura para que os outros não prestem atenção nele.

A primeira dessas ocorrências acontece, distinta dos exemplos até então, fora do ambiente domiciliar, em um bar onde Sebastião e Julião discutem suas suspeitas sobre Luísa e Basílio. Um homem calvo parece ler o jornal, mas podemos desconfiar dessa leitura, já que sua atenção parece estar concentrada na saída dos dois homens do local:

Defronte deles um sujeito de ar debochado lia um jornal; as suas melenas grisalhas colavam-se a um crânio amarelado; [...] De vez em quando erguia preguiçosamente a cabeça, atirava para o

chão areado um jato escuro de saliva, dava uma sacudidela triste ao jornal e tornava a fitá-lo com ar infeliz.

[...]

O velho calvo [...] encostou os cotovelos à mesa, salivou para longe, e puxando o jornal deixou-lhe cair em cima um olhar desolado.

[...] e o sujeito calvo, que erguera a cabeça, teve um sorriso de tédio, e retomou tristemente o jornal.

[...]

Iam sair. Mas então o sujeito calvo, atirando o jornal, arremessou-se para a porta, abriu-a, curvou-se, e estendeu a Sebastião um papel enxovalhado.

Sebastião, surpreendido, leu alto, maquinalmente:

– "O abaixo-assinado, antigo empregado da nação, reduzido a miséria..."

– Fui íntimo amigo do nobre Duque de Saldanha! – gemeu chorosamente, com uma rouquidão, o sujeito calvo.

Sebastião corou, cumprimentou, meteu-lhe na mão duas placas de cinco tostões, discretamente.

O sujeito dobrou profundamente o espinhaço e declamou com uma voz cava:

– Mil agradecimentos a V. Ex<sup>a</sup>, senhor conde! (QUEIRÓS, 2010. p. 124-129)

É interessante que a leitura se parece com a descrição decadente do personagem: ela é fúnebre, tediosa. O único momento de vivacidade da relação entre o leitor e o jornal ocorre quando ele atira o jornal, ou seja, não há nenhum tipo de cuidado com essa leitura, ela é apenas uma fachada.

Outro momento em que esse mesmo tipo de leitura aparece dá-se quando Luísa e Jorge discutem à mesa e ela finge ler o jornal para disfarçar o choro. Nesta cena, a leitura não acontece, pois é fisicamente impossível que ela leia, já que as lágrimas embaralham sua visão. O local de leitura é mais uma vez a mesa, o que parece também apontar para um hábito comum às famílias da classe de Luísa e Jorge:

Luísa fez-se pálida, pousou o talher: tomou o jornal para disfarçar uma lagrimazinha que lhe tremia na pálpebra; mas as letras confundiam-se, sentia pular o coração. De repente a campainha tocou. Era a outra, decerto!

Jorge, que se ia erguer, disse logo:

– Há de ser essa senhora. Ora, vou-lhe dizer duas palavras...

E ficou de pé, junto à mesa, aguçando devagar um palito.

Luísa, a tremer, levantou-se também:

– Eu vou-lhe falar... (ibid. p. 340)

## 6 Crítica social através da crítica de jornais

A última função apresentada em *O Primo Basílio* para a leitura de jornais é uma crítica à sociedade portuguesa. Portugal, no século XIX, enfrentou um período de tremenda

instabilidade política e falta de desenvolvimento econômico e, de certa maneira, um atraso intelectual generalizado (cerca de 80% da população portuguesa era analfabeta em 1850)<sup>2</sup>. A isso, somam-se o conservadorismo e a religiosidade característicos da sociedade portuguesa. O leitor desta cena, o Paula, pertence à classe popular, e parece ter consciência da falta de qualidade de vida na Lisboa do fim do século. Volta-se então contra a Igreja, representada em “artigos devotos” na *Nação*, e tende para a “comuna”:

– Pois eu não sou parenta, e todas as noites lhe rezo dois Padres-Nossos por alma...

– E eu! – suspirou a carvoeira.

– Há de lhe isso servir de muito! – rosnou o Paula, afastando-se.

Estava ultimamente mais amargo. Vendia pouco. Aquelas mortes na rua traziam-no desconfiado da vida. Cada dia detestava mais os padres! E todas as noites lia a *Nação* que lhe emprestava o Azevedo, repastando-se com rancor de artigos devotos que o exasperavam, o impeliam para o ateísmo; e o descontentamento das coisas públicas inclinava-o para a comuna. Como ele dizia, achava tudo uma *porcaria*. (QUEIRÓS, 2010. p. 415-416)

A partir da análise das cenas em que o ato de leitura é representado em *O Primo Basílio*, pudemos perceber a utilização da leitura como um recurso de construção dos personagens, além de uma anunciadora dos acontecimentos da narrativa. Além disso, pudemos delinear o que Eça de Queirós idealizava como leitor para sua obra: um leitor sério, que não procurasse na literatura uma fonte de distração, mas de reflexão sobre o mundo e a sociedade. Este ideal de leitor condiz com o projeto realista a que o autor se filia.

---

<sup>2</sup> CANDEIAS, Antônio. *Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal*.

## Referências

- CANDEIAS, António. *Modernidade, educação, criação de riqueza e legitimação política nos séculos XIX e XX em Portugal*. Análise Social, Lisboa, vol. XI, n. 176, p. 477-498, 2005.
- CHARTIER, Roger (org.). *Práticas de Leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. 2ª ed. Brasília: Ed. Da UnB, 1999.
- CUNHA, Maria do Rosário (Seleção e Apresentação). *O livro e a leitura em Eça de Queirós*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2007.
- DUARTE, Maria do Rosário da Cunha. A Inscrição da Leitura na Ficção Queirosiana: O Primo Basílio. In: Encontro Nacional de Queirosianos, 3, 1995, SÃO PAULO. *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos portugueses: Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa / FFLCH / USP, 1997. p. 348-354
- LAJOLO, Marisa. Eça de Queirós e suas Leitoras Mal-comportadas. In: Encontro Nacional de Queirosianos, 3, 1995, SÃO PAULO. *150 Anos com Eça de Queirós*. São Paulo: Centro de Estudos portugueses: Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa / FFLCH / USP, 1997. p. 438-445.
- QUEIRÓS, Eça de. *O Primo Basílio: Episódio Doméstico*. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- QUEIRÓS, Eça de. As meninas da geração nova em Lisboa e a geração contemporânea. De: As Farpas, v. II, 1872. In.: CUNHA, Maria do Rosário (Seleção e Apresentação). *O livro e a leitura em Eça de Queirós*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2007.
- SOUSA, Jorge Pedro. *História do Jornalismo em Portugal até ao 25 de Abril de 1974*. 2008. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10284/1163>. Acesso em 10 de julho de 2011.